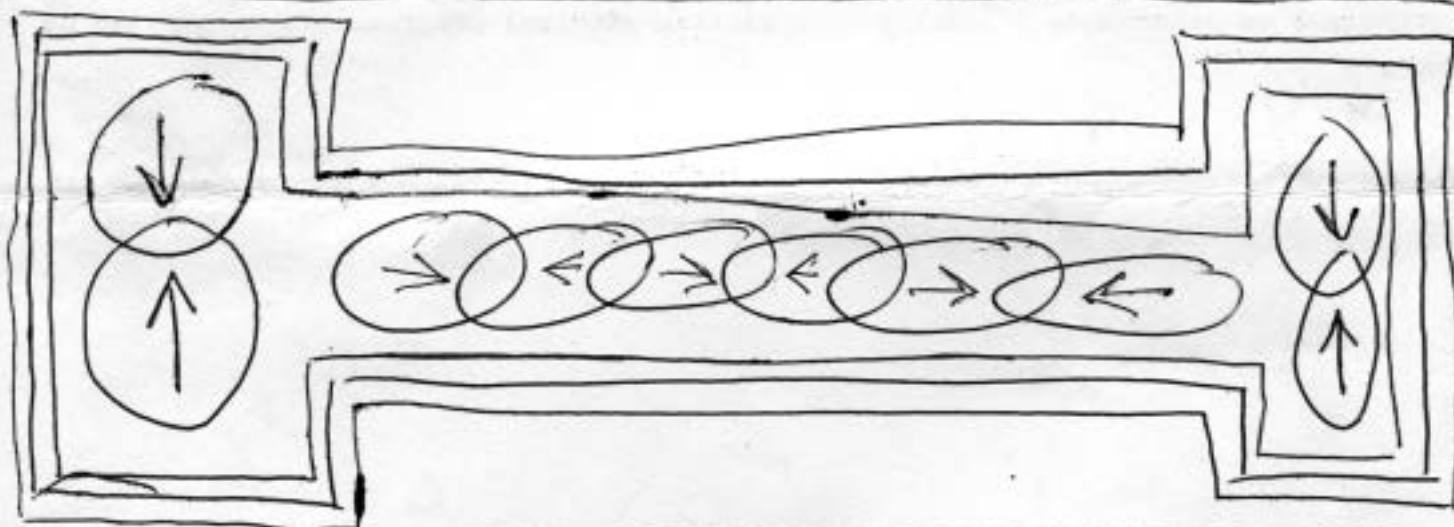


REEDICÃO DE TEXTOS DE
71/72

Para Uma Melhor Compreensão Da
História Do Reformismo Em Coimbra



LISTA B

Ao Serviço Do Povo VENCEREMOS

Texto I

INTRODUÇÃO

Devido ao novo incremento do reformismo no seio do movimento sindical e estudantil de Coimbra, torna-se-nos necessário recordar toda a sua prática de traição às lutas estudantis.

A todos aqueles que já cá estão há alguns anos trata-se apenas de revivar a sua memória pois eles sentiram-nos de uma forma mais aguda. A todos aqueles que ainda não os conhecem devidamente impõem-se-nos fazer uma retrospectiva de toda a sua prática de traição.

Nesse sentido propusemo-nos a reeditar uma série de textos que circularam no ano lectivo de 71/72, altura em que surge pela primeira vez em Coimbra uma tentativa de organizar os estudantes e iniciar um movimento sindical progressista ao serviço do Povo.

Lista "B" Ac Serviço do Povo Venceremos

POR UM SINDICALISMO DE TIPO NOVO

Os últimos anos têm sido anos de grande desenvolvimento do movimento sindical dos estudantes portugueses. Isso deve-se às condições objectivas que na sociedade portuguesa de hoje tendem a transformar o movimento estudantil num sector importante de luta que corresponde aos interesses da população trabalhadora do país. E deve-se também à aplicação de uma linha de massas que em várias associações de estudantes têm permitido fazer avançar o movimento no caminho da luta pelo justo objectivo de um ensino popular. Assim se deram importantes passos em frente no sentido da construção de uma verdadeira unidade dos estudantes portugueses baseada na prática de luta e no sentido de uma real integração do movimento estudantil na luta geral das massas populares. Há no entanto algumas associações que têm permanecido afastadas deste processo, por estarem dominadas por direcções oportunistas que conduzem o movimento a graves impasses. A realidade que directamente nos respeita - o movimento estudantil de Coimbra - constitui um caso extremo deste tipo, e tal ponto foi quebrado a organização sindical e traída a luta dos estudantes pelos seus pretensos dirigentes. É com base na experiência real do que tem sido a luta e organização sindical dos estudantes de Coimbra (e a relação entre a organização e a luta), que afirmamos hoje que o movimento sindical dos estudantes de Coimbra tem de ser construído do exterior das actuais estruturas associativas e contra os actuais dirigentes associativos, isto é, contra o clique de burocratas completamente afastados das massas que dizem representar.

É isto que nos propomos analisar neste texto. É isto que iremos levar à prática.

UMA ORGANIZAÇÃO SINDICAL AO SERVIÇO DO REFORMISMO

Para que fique bem clara a necessidade de reestruturação do movimento sindical dos estudantes de Coimbra, torna-se necessário compreender a que ponto a prática organizativa do M.A. se confundiu e identificou irreversivelmente com os fins dos reformistas. Torna-se necessário compreender o total isolamento que existe entre o M.A. por um lado e as massas por outro.

Uma característica fundamental do presente no âmbito tem sido a multiplicação de lutas espontâneas e parculares com que as massas estudantis procuram formas primárias de resistência ao conteúdo e aos métodos do ensino da classe da burguesia. Ora, todas essas formas primárias de resistência revelam duas constantes: por um lado, os estudantes rejeitam o M.A., isto é, rejeitam a prática reformista que caracteriza as estruturas associativas. Preferem organizar-se espontaneamente curso por curso, para cada fim concreto, e servirem os objectivos dos dirigentes oportunistas. Isto só pode ser entendido à luz da prática sindical dos reformistas:

AUSÊNCIA DE DEMOCRACIA-Os reformistas criaram uma organização sindical totalmente desligada do que se passa nas faculdades. Se o movimento das massas nos seus locais de trabalho assume alguma amplitude então reúnem-se as "sábias" cúpulas reformistas, tomam decisões, fazem-nas passar por decisões dos estudantes, tentam orientar o movimento para finalidades diferentes e opostas aos interesses dos estudantes. As massas, claro, não são para aqui chamadas. Os reformistas fizeram um figo à democracia estudantil. Este estilo de trabalho traz ainda como consequência o seguinte: fecha-se a associação e fica tudo quieto, desaparece o movimento. As autoridades agradecem. Passa-se à luta pela abertura da associação. E assim sucessivamente.

CONCEITO FORMAL DE REPRESENTATIVIDADE-Para os reformistas, representatividade é uma coisa que se ostenta como um prémio recebido, e que se consegue fazendo alegar meia dúzia de burocratas (ou aspirando-se a burocratas) à volta de um "programa" que não diz nada para além dos habituais chavões anti-repressivos, moralizantes ou de melhoria da universidade burguesa. Se a coisa passa nem há programa. Representatividade para eles é aparecerem quando as massas estão em luta, fazer votar (depresso) isto ou aquilo, e estarem lá para o futuro "mandatados" por esses blocos levantados.

Isto claro, após cozinharem nas juntas a "vontade das massas" e as "vitórias dos estudantes". Representatividade, para eles, é ainda reproduzirem as suas cúpulas umas a partir das outras (vindas de "mandatos" desse tipo) e sancionarem-nos depois (quando o fazem) em mais uma votação do mesmo género. Sirve-nos o triste exemplo da chamada "comissão associativa". E, sobretudo, representatividade, para eles, nada tem a ver com a prática da luta e com a discussão na base. Isso são perigos a evitar cuidadosamente não vá fugir a "representatividade".

INFORMAÇÃO DETURPADA - Para os reformistas, que tanto gritam pela liberdade de informação (e que raras vezes se lembram de a usar pôr em prática), praticam uma informação deturpada e falsadora da realidade, contra a qual devemos lutar por uma real liberdade de informação. Além do quase não informarem sobre a luta nas faculdades e nas outras universidades, quando o fazem limitam-se normalmente a focar as manifestações da repressão: processos, encarceramentos, prisões, etc. Escondem o verdadeiro conteúdo das lutas e os objectivos em vista (caso das lutas deste ano em Lisboa). Não sabem, ou fingem não saber que a repressão é uma constante do desenvolvimento de todos os movimentos progressistas, e procuram apresentá-la como a sua determinate, e a luta contra ela como sendo a alma do movimento. Assim sabotam os reformistas a própria luta contra a repressão.

FUNCIONAMENTO BUCRÁTICO DAS ESTRUTURAS ASSOCIATIVAS - As direcções, comissões, juntas, etc., dos reformistas, são entidades auto-suficientes que têm por regra nº1 de funcionamento a ciliagem das opiniões discordantes sobre os objectivos de luta ou a tática a adoptar. Claro que é possível, em certos casos, ocupá-las, discutir as questões de princípio, afastar os reformistas. Mas é errado fazê-lo nas condições de uma organização burocrática que se auto-defende obrigando, lá dentro, a um estilo de trabalho viciado, pré-estabelecido. E mais do que isso, é um grave oportunismo fazê-lo nas condições de uma organização associativa que, pela sua própria natureza burocrática ao serviço do reformismo, está irremediavelmente afastada das massas e das lutas das massas. Somos contra a substituição dos burocratas. Somos pela sua destruição total. Só a reestruturação do movimento a partir da base pela aplicação de uma linha de massas, o poderá conseguir.

OS MÉTODOS CUPULISTAS DE TRABALHO - O funcionamento burocrático das estruturas associativas e a submissão destas a uma cúpula totalmente exterior ao trabalho associativo nas faculdades, dão origem a toda uma praga de decisões ditatoriais e de métodos cupulistas de trabalho. A partir de uma ideia de representatividade baseada no conceito de maioria silenciosa (e sempre que possível silenciada) os reformistas tentam impôr a sua linha ao movimento a fim de melhor o reprimirem e desviarem. Surgem as decisões de cúpula a vincular as juntas, mesmo contra os próprios programas aprovados na base que deviam informar toda a actividade das juntas. Surgem as tentativas de fazer passar pela aprovação dos dirigentes os objectivos manifestados na base (os reformistas não participam nem dirigem - autorizam ou proíbem). Surgem as tentativas de impedir as reuniões de massas. Surgem as tentativas de boicotar a informação e a saída de textos (casos de Medicina e Direito). E, para coroar, gere-se o aborto chamado "Comissão Associativa", no mais profundo desrespeito pelos princípios de democraticidade e representatividade do movimento estudantil. Os dirigentes reformistas tentam enterrar o movimento, fazer com que andemos todos os anos a pedir o que eles perderam no ano anterior. O cupulismo, a burocracia são as suas armas derradeiras e naturais.

UM FOSSO CAVADO ENTRE A ASSOCIAÇÃO E OS ESTUDANTES - Os reformistas organizam-se fora das faculdades, longe das massas. A associação centralizando a organização de todas as faculdades, acaba por não estar ligada a nenhuma. As juntas não são uma organização nascida e desenvolvida nas lutas travadas nas faculdades, mas apêndices correctivos e obedientes da cúpula, a direcção da associação e sucessores, actualmente criados da "comissão associativa". As juntas servem para aplicar a linha da direcção e dentro dela se devem montar. Ou bem que cumprem o recado ou bem que são "divisionistas". Esta subordinação burocrática serve para assegurar que quem toma as decisões são os "cábios" dirigentes reformistas. Só da reorganização sindical lançada na base, ligada às massas, temporada na luta, surgirá reconstruída a Associação Académica de Coimbra.

? ? ? ? ?

DESPOLITIZAÇÃO - Este é um dos objectivos máximos a que os reformistas se têm dedicado. A fim de evitarem a discussão política na base (que os poria imediatamente em causa ao fazer avançar o movimento), impedem qualquer enquadramento das lutas percolares, qualquer análise da universidade de burguesia e de sua função. Se têm que apresentar razões, os "dirigentes" são pródigos: "os estudantes não percebem, não estão preparados...", "os estudantes ficavam como burros a olharem para um palácio", "isso são coisas isotérmicas", etc. Com uma ou outra nuance derivada das respectivas diferenças políticas, os reformistas fizeram sua a bandeira anti-estudantil de "Despolitização e Reforma".

Os reformistas procedem como todos os reacçãoários: encobrem-se numa fraseologia progressista, tentam meter-se dentro dos movimentos, a fim de os captar, de os orientar para os seus fins, de os trevar.

O M.A. dos reformistas é um obstáculo na luta dos estudantes de Coimbra. Só temos uma resposta, só temos um caminho: organizemo-nos na base, em cada escola, em cada curso, em cada turma. Ligando-nos às massas, participando na luta, criemos o MOVIMENTO SINDICAL DOS ESTUDANTES DE COIMBRA.

OS "DIRIGENTES" E AS MASSAS: UMA CONTRADIÇÃO ANTAGÓNICA

Com uma prática organizativa dominada por métodos estranhos vícios burocráticos, que se caracterizam globalmente pela rejeição de uma linha de massas (substituída por métodos de trabalho dirigidos) tenta-se, e tem-se conseguido conduzir o movimento para conteúdos reformistas e legalistas. É pois urgente definir correctamente uma linha de massas e levá-la à prática. Os objectivos e os métodos não existem separadamente, e só utilizando métodos correctos poderemos atingir os nossos objectivos. Avançaremos nesse sentido se soubermos colher as lições do que tem sido este ano o trabalho associativo nas suas linhas gerais:

TOMADA DA BASTILHA - De vários episódios desta jornada de luta podem ser resumidos naquilo que foi o seu aspecto essencial: a luta entre a vontade das grandes massas de estudantes e a vontade de um punhado de dirigentes oportunistas, entre aquilo que os estudantes pretenderam e tentaram que fosse a Tomada de Bastilha, e aquilo em que esses dirigentes procuraram transformá-la, entre a marcha do movimento das massas e o freio imposto pela reacção dirigente. Neste dia, posto perante a evidência da vontade do lado de contents de estudantes, o oportunismo multiplicou os expedientes de sempre: desde o legalismo mais desavergonhado (convocação, palavras de ordem, tentativas de conciliação com as autoridades na preparação do cortejo) às tentativas de fazer recuar a luta e calar os estudantes (cantina, sazeu) e de se lhes opor de forma policíesca (sazeu) até à demissão completa e ao derrotismo mais reacçãoário quando se viram ultrapassados pelas massas (cortejo, palavras de ordem de "ir para casa"). É que, enquanto os "dirigentes" pretendiam "realizações devidamente legalizadas", os estudantes pretendiam sair para a rua e manifestar-se. Daí as palavras de ordem de "ir para casa", e em seguida, perante a insistência dos estudantes em permanecerem reunidos, a convocação de juntas "para dispersar". De tudo isto, apenas duas coisas saíram evidentes: a real combatividade manifestada pelas grandes massas de estudantes e o afundamento total da linha de direcção. Violentamente criticados nas Juntas, os dirigentes tentaram safar-se usando os habituais métodos burocráticos: primeiro, fazendo tímidas confissões de impotência e fugindo às reuniões em que eram atacados; depois, no momento propício, regressando com umas dezenas de braços reunidos à última hora para tentar calar as críticas feitas e impedir a saída de textos em que tais críticas eram postas à consideração de todos os estudantes, como foi o caso de comunicados aprovados nas Juntas de Medicina e Direito. Claro que tudo isto só foi possível porque grande número dos estudantes mais activos não tinham ainda a consciência da impossibilidade de trevar a luta contra o oportunismo dentro do próprio campo que este construiu, com as armas que esta escolheu, entrando no seu jogo burocrático. É por esta razão que a Tomada de Bastilha não se cifrou num avanço importante do movimento, mas antes conduziu (dado o estado de desorganização das massas estudantis que haviam deixado para trás os dirigentes) a uma grave situação de desmobilização, acompanhada pelo descrédito total da Direcção-Geral e do M.A.

A PRÁTICA DE LUTA EM DIREITO - Durante este período é na faculdade de Direito que se regista uma maior evolução do movimento. A série de processos de luta espontâneos e massivos (mas desligados uns dos outros) que se desenvolveram nesta faculdade tornaram-nos extremamente viva a

contradição que opõe os estudantes em luta aos dirigentes oportunistas. A existência dessas lutas, dessa movimentação na base, bastou para impedir que os dirigentes conseguissem ocultar essa contradição, ao fazer calar as vozes discordantes, como aconteceu noutras faculdades. E serviu ao mesmo tempo para mostrar a necessidade de organização e partir da base, como única forma de ligarmos entre si as várias lutas que, sem essa arma, continuarão dispersas, sem poderem ultrapassar o nível da espontaneidade. As eleições do 1º período foram um importante passo em frente. Fazendo tábua rasa das proibições das autoridades e do liquidacionismo das reivindicações reformistas, os estudantes conquistaram na prática o direito de reunião que os reformistas pedem, e elegeram os seus representantes vinculando-se a programas de carácter claramente anti-reformista. Mais tarde uma Assembleia de Faculdade que os dirigentes haviam tentado impedir, realiza-se com êxito e lança um processo de luta contra o regime de faltas, durante o qual a combatividade das massas, e sua clara vontade de resistência foi traída pelos dirigentes associativos, cujo papel foi sempre o de fazer recuar a luta, de a sabotar, de dar sobre ela uma informação deturpada, numa linha de acção que objectivamente se identificou com interesse das autoridades. Durante este processo tornou-se evidente o afastamento total entre o M.A. e as massas. As estruturas sindicais actuaram claramente, aos olhos de toda a gente, como travão do processo, fez-se a prova clara da impossibilidade de as transformar por dentro.

A COMISSÃO ASSOCIATIVA— Assim se chama o último esforço dos reformistas para tentarem manter a sua ditadura sobre o movimento sindical dos estudantes. Esta estrutura, pretende dirigir a luta dos estudantes, foi formada por métodos extremamente cupulistas, que essas estudantes ainda hoje desconhecem. Com propostas de Inter-Juntas (reunião suprema dos "quadros") e pretenderem vincular a si o movimento; reproduzindo "mandatos" a partir de "mandatos" dentro da concepção muito especial que os reformistas têm de "representatividade". Acossados pela evolução do movimento para fora dos limites em que pretendem mantê-lo, os dirigentes oportunistas multiplicaram esforços desesperados para tentarem contar todas as vozes discordantes desta iniciativa burocrática, em Medicina, em Direito, nas Desportivas, no Bitac, no Celuc, no próprio Conselho de Repúblicas... A Comissão Associativa não foi eleita pelos estudantes, mas isso não é sequer o fundamental pois a verdadeira representatividade nasce da prática da luta, da justiça das palavras de ordem que em cada momento correspondem ao nível de consciência e de radicalização das massas. Com a Comissão Associativa pretendeu-se construir a directão do movimento de cima para baixo, fabricando objectivos para impor aos estudantes com o intuito claro de travar a luta na base. Os reformistas têm medo das massas. E têm razões para isso.

A LATADA— Não vamos tratar aqui a questão de luta contra o Queima, o que faremos proximamente, mas a posição dos dirigentes oportunistas face a essa luta, que, no fundamental, foi a seguinte: desligados do processo, aparecem à última da hora para fazer votações à pressão e declararem que o Queima não se pode realizar "porque a associação está fechada", tentando assim eludir a luta estudantil contra o carácter de classe burguesa do Queima, contra a palhaçada dos reacconários que defendem o ensino da classe ou as suas reformas. Durante o ataque ao cortejo, islam-se ao pretenderem lançar palavras de ordem que os estudantes presentes já tinham ultrapassado. Em seguida pretendem mobilizar as massas em luta para uma reunião sobre problemas técnicos (distribuições, etc.)! E finalmente, dão informações falsas sobre o que se passou e o que se gritou, como qualquer estudante presente sabe muito bem. Ao longo deste processo, a posição dos reformistas é clara: como não podem impedir a destruição de Queima, pretendem "reformá-la". Também eles serão queimados.

PRATIQUEMOS UMA LINHA DE MASSAS—LUTEMOS POR UM ENSINO POPULAR

O afastamento total entre o M.A. e as massas é uma realidade evidente. É cada dia mais antagónica a contradição que separava prática da luta dos estudantes dum aparelho sindical burocrático ao serviço do reformismo. Contra ele devemos reorganizar o movimento para a prática de uma linha de massas dirigida para a discussão política na base. Ao imediatismo oportunista das "reivindicações concretas" devemos opor a luta contra a universidade burguesa. As "Reformas Gerais e Democráticas da Universidade" devemos opor a luta por um ensino popular ao serviço dos trabalhadores. As tentativas de sabotagem do movimento, devemos opor a luta contra os reformistas.

A luta que os estudantes portugueses travam a nível nacional por uma Universidade Popular no seio de uma sociedade transformada e dirigida pelos trabalhadores, assume actualmente dois aspectos principais: luta contra o conteúdo e métodos de ensino de classe da burguesia; luta pela conquista na prática dos direitos democráticos de livre reunião, discussão e expressão.

A prossecução destes objectivos exige a prática constante de uma linha de massas, isto é, exige a construção na luta de uma organização sindical capaz de perspectivar correctamente os objectivos definidos na base, de os transformar em palavras de ordem correctas, partindo das massas para voltar às massas. Só a constante ligação às massas, o inquérito constante ao seu nível de consciência, garante a justeza da nossa linha e a correcção da nossa prática. A água corrente não apodrece; é esse o movimento constante que nos permite evitar a fossilização burocrática das estruturas sindicais que só pode servir os oportunistas.

No situação actual do movimento estudantil de Coimbra, a prática de uma linha de massas impõe como tarefa principal armar as massas dos instrumentos de luta de que têm carecido, isto é, impõe um trabalho de reorganização do movimento sindical.

Defendemos que essa reorganização deve ser feita a partir da base, em íntima ligação com as grandes massas e a partir das próprias lutas. Defendemos que deve partir do alastramento de grupos ligados aos cursos e formados por elementos directamente comprometidos perante o trabalho associativo. Assim se garantirá a possibilidade de descentralização que liberte de forma organizada a iniciativa das massas, e se criará ao mesmo tempo condições cada vez mais fortes para uma direcção coesa do movimento. A forma organizativa que propomos, chamamos Núcleos Sindicais de Base.

OS NÚCLEOS SINDICAIS DE BASE (N.S.B.)

A construção do movimento sindical ligada ao trabalho associativo, é a tarefa a que metem os olhos os Núcleos Sindicais de Base, que pretendem lutar em Coimbra, pelos objectivos do Movimento Estudantil. Os núcleos já existentes nas faculdades de Medicina e Direito e nos Liceus propõem desde já, como bases programáticas mínimas e provisórias para a construção de um sindicalismo de novo tipo o seguinte:

- 1) - Constituição de N.S.B. em todas as escolas, a fim de reorganizar o movimento sindical a partir da base, pela aplicação de uma linha de massas ao trabalho associativo.
- 2) - objectivos de luta:
 - a) - luta contra o conteúdo e métodos de ensino de classe da burguesia
 - b) - luta pela conquista na prática da discussão política de base
 - c) - estruturação anti-reformista da luta contra a Quisima das Fitas, enquanto manifestação burguesa de classe
 - d) - reorganização do movimento sindical a partir do alastramento dos N.S.B.'s, com o objectivo final de expulsar os reformistas da AAC
 - e) - informação sobre a luta estudantil nas outras universidades

Vamos iniciar o combate. Vamos vencê-lo!

Todos ao trabalho associativo nos Núcleos Sindicais de Base.

Criar um-dois-três, muitos N.S.B.'s

A UNIDADE DOS ESTUDANTES PORTUGUESES

No momento actual, quando iniciamos a construção de um movimento sindical capaz de lutar em Coimbra, pelos objectivos de todos os estudantes portugueses, assume particular importância a questão da unidade da luta estudantil a nível nacional.

Os princípios em que deve assentar a construção da unidade de todos os estudantes portugueses são os mesmos em que assenta a construção do movimento a nível de Coimbra, isto é a crescente unificação das lutas a partir do desenvolvimento do trabalho associativo, o seu avanço para níveis superiores a partir da aplicação de uma linha de massas no fortalecimento da organização sindical. A unidade dos estudantes portugueses será então a expressão organizativa de real



unidade da luta dos estudantes, em vez de se basear em acordos entre dirigentes.

Por isso, discordamos da posição dos dirigentes oportunistas de Coimbra que pretendem a criação para já de estruturas unitárias criadas a partir de acordos de cúpula e com fins meramente anti-repressivos, cuja função explicam no seu "Boletim associativo": editar comunicados "só informativos" (percebe-se aos dirigentes reformistas de Coimbra não convém explicar o sentido real das lutas travadas em Lisboa e no Porto), comemorar datas importantes do M.A. e estabelecer contactos entre as várias associações.

Por isso, consideramos justa a posição das associações de Lisboa, que fazem depender a construção da unidade dos estudantes portugueses do desenvolvimento do trabalho associativo nas escolas do crescente enraizamento das estruturas sindicais da definição de um programa unitário a nível nacional com base nos princípios do movimento, a ser discutido e aprovado por todos os estudantes. Só uma organização unitária assim criada poderá opor-se de forma eficaz e duradoura à repressão governamental.

A unidade dos estudantes portugueses constitui-se na própria lógica do desenvolvimento da luta estudantil, e não na lógica da repressão governamental ou das ideias reformistas.

As organizações unitárias dos reformistas vivem desligadas das massas e morrem por si, como foi, entre outros, o caso da CNEP. Já no ano passado, os estudantes em luta rejeitaram, a nível nacional as propostas oportunistas dos dirigentes de Coimbra, que pretendiam desviar o movimento para um "encontro nacional contra a repressão".

A unidade dos estudantes nada tem a ver com a unidade dos reformistas.

A organização unitária nacional que os estudantes portugueses construirão será capaz de cumprir os objectivos históricos do movimento estudantil. Crescerá em íntima ligação com a sua luta. Será capaz de ultrapassar o isolamento estudantil e colocar essa luta ao serviço do povo.